

1927-1977: Outros tempos, um outro estilo de vida!

1927-1977: OUTROS tempos, um outro estilo de vida!

Correio Popular, Campinas, 04 set., 1977.

No livro, "8 bananas por um tostão", em que relembra fatos ocorridos em outros tempos, nosso companheiro, o veterano jornalista Benedito Barbosa Pupo, evoca episódios da sua meninice e da sua juventude, numa Campinas bem diferente da trepidante metrópole de hoje. Uma Campinas de outros tempos, quando ainda o tostão era a moeda corrente no Brasil.

Outro escritor, Nelson Omegna, que exerceu, com dignidade e nobreza de espírito, o cargo de redator-chefe do "CORREIO POPULAR", analisa o processo de desenvolvimento da cidade sob o prisma sociológico, nos seus hábitos, costumes, na sua vida social, política e econômica, o que, aliás, não ocorreu só aqui mas no mundo inteiro, sob o impacto de profundos fenômenos de natureza social, política e econômica e em decorrência da própria evolução.

A mulher, nestes últimos 50 anos, obteve grandes conquistas e, inclusive, derrubou uma odiosa discriminação que existia na Casa de Machado de Assis, isto é na Academia Brasileira de Letras, que vedava o acesso às inteligências do sexo feminino. A eleição de Rachel de Queiroz, intelectual brilhante, derrubou o velho "tabu". Mas essa foi apenas uma das muitas e muitas conquistas femininas, em todas as áreas, em todos os setores, persistindo, porém, contra elas, certos preconceitos, que vão desaparecendo pouco a pouco. Há muita gente que até hoje tem saudades das moças de 50 anos atrás, afirmando que elas eram mais recatadas do que as de hoje, mais romântica, submetidas a rígidos cânones morais, namorando às escondidas ou então nas vesperais dos cinemas. Mas não é nosso propósito fazer uma análise mais profunda ou assumir uma atitude moralista que não leva em conta os fenômenos sociais e históricos que determinam o processo de evolução através dos tempos. Processo irreversível, sob o impacto das "forças emanentes", como dizia o saudoso companheiro, Rodrigues Serra. Nada nos aconselha, portanto, a fazer confrontos entre as duas épocas — 1927-1977. Na raiz dos acontecimentos de hoje prevalecem os mesmos fatores de ontem, as grandes paixões, o ódio ou amor, o ressentimento ou a obediência, o medo ou interesse, a grandeza ou a pequenez humanas, a venalidade ou a avareza, a fé ou a incredulidade, etc. Outros tempos, outros valores, outras concepções, outros estilos de vida, no século XIX, por exemplo — como observa Amoroso Lima, — a ideologia predominou sobre a tecnologia, "firmou toda a sua concepção da vida na primazia do Tempo sobre a Eternidade", enquanto o século XX é o século da técnica, no qual a máquina assumiu extraordinária importância.

No ano de 1927 perdurava ainda resquícios de muitas características oriundas do século XIX, principalmente na educação. Basta lembrar que as moças não entravam sozinhas num café. Saíam, quase sempre, acompanhadas. Noivado dentro de casa, sob as vistas rigorosas da mamãe. Delly, o açúcarado Delly, era o escritor mais lido. Outros mais "avançados", só às escondidas... Hábitos e costumes diferentes, cozinha absorvendo boa parte do tempo, porque — como observa Barbosa Pupo, não havia naquele tempo o uso generalizado da lataria desconhecendo-se completamente os "almoços ou jantares pré-fabricados de hoje, porque tudo era preparado em casa. Havia o hábito cerimonioso das visitas, as cerimônias da entronização da imagem do Cristo nas "salas de visitas", persistindo, em certa camada, resquícios daquele "tradicionalismo" e orgulho herdado dos antigos "barões do café".

O jornalismo, na época em que surgiu o "CORREIO" era dado a debates e polemicas, muitas das quais ficaram célebres, pela virulência da linguagem empregada.

Outro detalhe curioso: as moças não usavam saias curtas. A mini-saia, naquele tempo, escandalizaria...

O ano de 1927, além do nascimento do "CORREIO POPULAR", foi assinalado por outros dois fatos de significação para a vida cul-

tural de Campinas, a fundação do Conservatório Musical "Carlos Gomes" e da Associação Campineira de Imprensa.

A cidade era tranquila, com seus bondes pacherentos, bondes que tinham números, como o "Estação", número 5, o que levou um repórter a chamá-lo de "bonde cachorro", influência do "jogo-do-bicho". Era o tempo da "Cia. Campineira de Tração Luz e Força", nome pomposo para a empresa que explorava o serviço de bondes elétricos, bem como o da energia elétrica e que também vendia os "ferros elétricos", que paulatinamente foram substituindo os velhos ferros a carvão. O povo, referido-se a essa companhia, dizia apenas "Tração". E se queixava do atraso dos bondes, como hoje se queixa do atraso dos ônibus...

Não existiam prédios altos. O primeiro "arranha-céu" — o edifício "Santana", na Barão esquina com Cesar Bierrenbach, hoje ocupado por um moderno hotel mas que esteve abandonado muitos anos, transformado no "maior pombal do mundo" só surgiu muitos anos depois. Existiam muitos casarões, remanescentes do império, que não resistiram "às picaretas do progresso", como dizia, em tom irônico, o saudoso engenheiro, Alberto Jordano Ribeiro. Resistem ainda (tombado pelo Patrimônio Histórico) o Palácio dos Azulejos — antiga sede da Câmara e da Prefeitura e o edifício central da PUC — antigo solar do Barão de Itapura.

Um hábito da juventude daquela época, em Campinas, era assistir aos concertos da Banda "Italo", no Jardim Carlos Gomes, muito concorridos, onde os negros não se misturavam com os brancos, o que deu margem a um interessante estudo sociológico realizado pela revista "Anhembi" de Paulo Duarte. Era uma separação e distinção encarada com naturalidade.

As famílias de maior prestígio frequentavam o Clube Campineiro, o Tênis e o "Cultural". Existiam porém, clubes para todas as classes.

As residências da classe média eram mobiliadas de maneira sóbria. Muitas possuíam escarradeiras e toalhinhas sobre as mesas, bordadas à mão além das almofadas. As mulheres dessa classe estudavam no "Coração de Jesus" na "Escola Normal", Colégio Progresso, as escolas de comércio — S. Luiz e Bento Quirino — já sacudindo o velho conceito de que "era feio mulher trabalhar no comércio ou no escritório". Na classe operária, as mulheres, geralmente, trabalhavam nas tecelagens.

"Missa das dez", na Catedral, a mais concorrida. Os rapazes ficavam no largo, esperando o sorriso ou o dedo de prosa com as namoradas. Já nesse tempo, Jolumá escrevia crônicas sobre aspectos da cidade. Uma dessas crônicas, comenta a saída da "missa das dez".

Os rapazes, muitos deles, frequentavam o "Regatas", em Sousas, fazendo o percurso do bonde. Um alarido tremendo! Está aí o Ary Rodriguez para contar coisas interessantes do velho Regatas, tão integrado na sua vida.

A moda? A moda sempre foi volúvel. Como as próprias mulheres... Tempo do cabelo curto, com franjinhas na testa. Foi uma revolução: a queda das tranças. Cabelo a "garçone"...

Difícil analisar as mudanças operadas nos usos, costumes e hábitos de 1927 para cá. Aconteceram tantas coisas... Havia uma elite social com hábitos mais requintados, com bases econômicas sólidas. Uma viagem à Europa, um acontecimento... Existiam as classes média e operária. Como hoje, Havia também parte da juventude dominada pelo espírito bacharelesco e literário. Que sabia de cor uma poesia de Fagundes Varela ou de Bilac. Escrevendo nas páginas literárias dos jornais... Versos, poemas de amor e crônicas.

"São Carlos" o melhor cinema. As sessões noturnas, aos domingos, frequentadas pela elite. O "República" cinema mais popular, com as "sessões das moças", às sextas-feiras. O Cine, esse era conhecido como "purgueiro".

O rádio ainda era novidade. Existiam os gramofones, que funcionavam com um motor, ao qual se dava corda com uma manivela. A cidade possuía excelentes orquestras, que tocavam, inclusive, nos cinemas e cabarés. Ma-

sica de "jazz", tangos, valsas, canções marchas e trechos de operetas.

Campinas possuía naquele tempo, uma Banda de musica que podia ser considerada a melhor do interior: a banda musical "Italo-Brasileira", que teve diversos regentes, inclusive João de Tullio, pai do maestro Mário de Tullio e do saudoso Luizinho de Tullio. Essa corporação esteve no Rio, em 1922, fazendo brilhante figura nas comemorações do centenário da Independência do Brasil, sendo até confundida com a Banda da esquadra inglesa, que, na época, estava ancorada no porto da então capital federal. Suas retretas, no Jardim Carlos Gomes, eram verdadeiros concêrtos musicais, assistidas, inclusive, por um considerável numero de pessoas. Rafael de Andrade Duarte, ex-prefeito, grande apreciador da boa musica, gostava muito das retretas dominicais do Jardim.

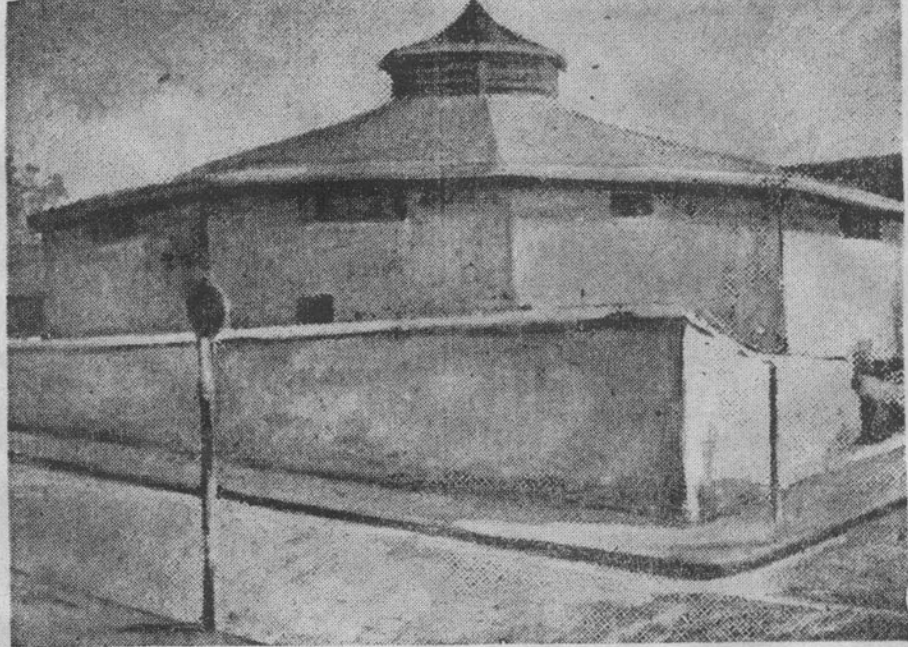
Dos bares existentes na época, o mais popular era, sem dúvida, o Bar Cristofani, dos Guernellis. Famoso o seu sanduiche de pernil e queijo. Custava, na época, quinhentos réis... O "Faca", dono do restaurante existente hoje na rua Conceição, quase defronte ao "CORREIO POPULAR" foi garçom muito tempo, do Cristofani. Quanta coisa interessante tem o amigo Facca p'rá contar...

Na politica, em 27, mandava o "velho perrepê", isto é, o Partido Republicano Paulista, com seus chefes de maior prestigio, o dr. Heitor Penteado que foi vice-presidente do Estado), Fernão Pompêo de Camargo, Orosimbo Maia, Enéas Cesar Ferreira, autor do livro "Olhando o passado...", no qual relembra os restaurantes em voga, o Barsotti, o Cristofani, o Café Guarani e as alegres rodadas de chops. Já existia, porém, o Partido da oposição, o Partido Democrático, fundado pelo conselheiro Antonio Prado e integrado, entre outros, por Alvaro Ribeiro, os irmãos Magalhães, Tasso e Pedro, Pires Neto, Belfort animadas discussões, com a presença, as vezes, do dr. Paulo Nogueira Filho, destacado procer politico, no Livro a que nos referimos. Enéas Ferreira evoca as figuras de grandes politicos que conheceu, o dr. Antonio Costa Carvalho, Ernesto Kuhlmann, vereador dos mais combativos, Orestes de Moraes Alves, coronel Francisco Schmidt, o "rei do café", Silvio de Campos, ardoroso procer perrepista, Anibal de Freitas, que foi diretor do Colégio Culto à Ciência, Artur Leite de Barros, Pelágio Lobo, Antonio Lobo e o coronel Francisco Rodrigues Barbosa, o "Chico Peroba", de Itatiba.

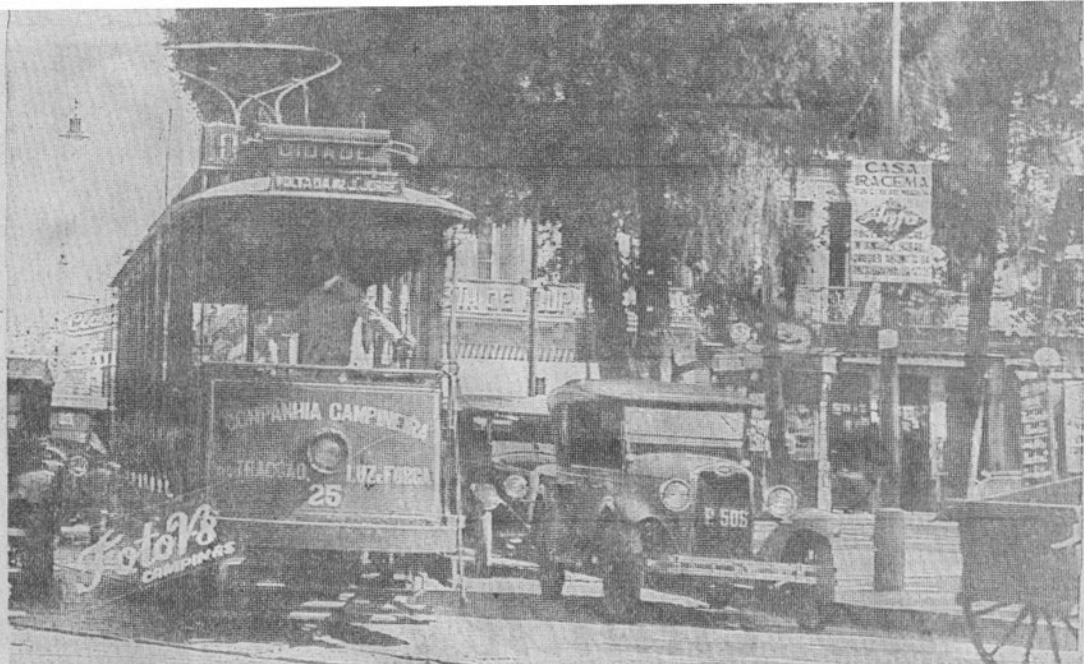
Mas relemburar, em detalhes, a Campinas de 1927, em seus diferentes aspectos, é tarefa demasiadamente difícil, em todas as suas implicações sócio-econômicas, suas características, em confronto com a época que vivemos.

O sistema de vida era, em 29 pior ou melhor do que o de hoje? Depende da concepção de cada um de nós. Os saudosistas dizem que sim, não havia poluição, mais recato, mais seriedade nos negócios, um simples desquite dava margem p'ra muitos comentários e era mesmo considerado pelos mais conservadores, um verdadeiro escandalo... Mas não faltam aqueles que, em grande numero, acham que os tempos de hoje, de maior arejamento mental e despreendido de esquemas rigidos, tabus e preconceitos, são bem melhores. As crianças de hoje, por exemplo, são bem mais felizes do que as de ontem, livres que estão do "óleo de ricino", das limonadas purgativas e do intragavel óleo de figado e bacalhau... Nêsse ponto, convenhamos, o progresso foi dos mais auspiciosos. As donas-de-casa, tendo hoje á disposição todos os aparelhos eletro-domésticos, estão livres dos ferros a carvão, dos fogões a lenha e das "geleiras", com suas barras de gelo entregues a domicilio, envoltas em pedaços de estopa.

A vida tornou-se menos romantica, mas muito mais prática. Até p'rá extrair um dente... Nas minimas coisas. Esse mundo novo iria, anos depois, estremecer com a explosão das bombas atômicas e com a carnificina da II Guerra. Dos escombros das cidades destruidas, surgiu para a humanidade nova fase, que é esta fase turbulenta que estamos vivendo, espetacularmente nas suas mudanças.



Coliseu, o popular cinema da rua Cesar Bierrem bach esquina com Irmã Serafina (onde está hoje a sede do CS de Cultura Artística), que era, conhecido, na época, como o "purgueiro"



O bonde 10 — que servia o bairro da Ponte Preta, descendo a rua Barão, no largo do Rosário. Uma reminiscência da Campinas de 1927